

Cadáveres

Lucas Zanella

A noite era calma e escura, nada de mais acontecia fora do cemitério.

Dentro dele, é claro, era onde a magia acontecia. O trote para os calouros da Universidade de São Lorenzo era o mais esquisito e o mais conhecido de toda a cidade, mesmo os pirralhos da UFSL desejavam ter coragem para o fazer. Aquele dia era o desafio dos calouros de Matemática, que geralmente são um bando de bebês chorões que se escondem atrás de números para que ninguém veja suas caras.

Gabriel Dacotto teve a ideia de incluir algo novo no trote daquele ano. Finalmente chegara a vez dos seus colegas de o aplicarem, e embora fosse basicamente a mesma coisa ano após ano, todos achavam uma maneria de inovar. O pessoal de Matemática acampava no coração do cemitério, onde ficavam os túmulos maiores, mais corroídos e os mais assustadores, como aquela estátua do anjo metade humano e metade caveira que levantaram em frente ao túmulo do senhor Silveira, que morrera dois anos atrás por conta do câncer de pulmão.

Eles haviam visto pela câmera de segurança – um dos amigos que fazia Ciência da Computação ajudou com o acesso a elas – que os calouros estavam parados logo em frente a esse anjo, alguns outros se escafederam para os cantos. Jéssica e

Rafael, como já era de costume, aproveitaram a bela noite que teriam de passar no cemitério para se pegarem atrás de um túmulo que era apenas uma grande pedra branca e fina.

Quem andava silenciosamente pelo meio dos túmulos, escolhendo sempre os caminhos com as lápides mais altas, eram Gabriel, Isaías e Torresmo, um colega gordo, mas simpático. Tudo bem que ele não parecia gostar muito do apelido, mas não era como se não houvesse dado apelidos piores para algumas outras pessoas.

Gabriel planejara tudo aquilo com cuidado, checara a estrutura do cemitério e vira onde eles estavam se preparando para dormir.

– Cuidado! – Isaías sussurrou para o garoto antes que ele pudesse pisar num graveto.

– O que exatamente a gente vai fazer? – perguntou Torresmo.

– Eu já expliquei três vezes pra você, Torresmo, mas que merda – brigou Gabriel, sempre mantendo o tom de voz baixo. – Nós vamos jogar as bombinhas na galera logo depois que os outros fizerem os barulhos.

– Quebrar galhos, mexer nas árvores e essas coisas, não é? – ele conseguiu se lembrar de parte do plano.

– Isso. Agora me dê algumas das suas bombinhas – ele

pediu e o garoto as entregou.

Para uns simples aspirantes a psicólogos, aquela turma era bem sinistra. Joana fora quem se comprometera em levar o gelo seco para jogar perto dos estudantes de Matemática e Gabriel tinha certeza de que ela conseguira, embora não houvesse uma confirmação. Mas a garota era simplesmente um gênio, certamente conseguiria a ajuda de alguém de Química para isso.

E embora estivesse um tanto quanto excitado para pregar aquela peça, desejava não ter de fazer isso nos estudantes de Matemática, mas essa era a regra. Não se passava trotes para os calouros dos próprios cursos na Uniselo, e o curso que ficaria responsável pelo trote do cemitério era sorteado numa reunião que ocorria no fim do ano letivo, assim os veteranos podiam definir todas as coisas e estar com tudo pronto no início do ano.

A universidade, acredite se quiser, levava a sério aquele trote, era como o bebê que nunca crescia. Todas as outras começaram a proibir esses tipos de trotes, mas não a Uniselo. Gabriel era muito agradecido por isso.

Não estavam muito longe do local onde o grupo de estudantes estava, mas afastados o suficiente para saírem correndo assim que jogassem todas as bombinhas. Com sorte,

boa parte das crianças teriam de ir para casa trocar as calças.

O barulho dos galhos quebrando ecoava pelo cemitério frio, e então o chacoalhar das árvores se juntou ao som horripilante. Ficou assim por alguns segundos e os calouros já se encolhiam em seus lugares, agarravam-se aos seus cobertores. Quando o gelo seco entrou em ação e levantou uma camada de neblina branca, todos se levantaram e começaram a observar ao seu redor, mas os colegas estavam muito bem escondidos.

Gabriel se preparava para jogar as bombinhas, elas iriam depois do gelo seco, mas ouviu um barulho muito perto dali. Será que os calouros resolveram inverter o trote de alguma maneira? Ou então era um dos seus colegas que não ouviu direito suas instruções e ficaram por lá em vez de do outro lado do cemitério, junto dos outros que faziam os efeitos sonoros.

O barulho era de terra sendo remexida e ainda alguns gemidos esquisitos e fracos, devia ser alguém que resolvera improvisar. Só esperava que fosse o único que mudou o plano para atingir ao seu objetivo.

Ele estava furioso, todos deveriam obedecer ao seu plano, afinal, era o líder há três anos consecutivos... tudo bem que não era presidente do Brasil, mas, ainda assim, deveria ter

adquirido alguma notoriedade através dos anos.

– Eu vou matar você! – ele reclamou, ainda sussurrando, ao afastar-se dos dois amigos e começar a procurar pelo que o desobedeceu.

O grito que ele soltara, fino como o de uma garotinha assustada, foi o suficiente para assustar os estudantes de Matemática, eles saíram correndo no mesmo instante. Isaías e Torresmo correram até Gabriel e verificaram aquilo que o pusera a gritar.

Uma mão seca e que só se via os ossos e a pele podre brotara da terra, vinha de um dos túmulos que não possuíam cobertura, onde o corpo fora apenas enterrado e então coberto de terra. A família não devia ter muito dinheiro para o enterro, pois fora feito de maneira desleixada, apenas com uma cruz já caindo aos pedaços cravada na terra e um monte de barro cobrindo o defunto.

A mão se mexia e removia a terra, era ágil e forte. Caiu grande parte da terra endurecida pelo tempo e uma cabeça saiu para o ar gélido, Gabriel observou um crânio cujas partes já foram deformadas pelo tempo. Os dois amigos correram e gritaram por ele, mas Gabriel não se movia. O medo o paralisara.

Ao fundo havia risadas, certamente vindas dos seus

outros colegas, e logo se transformaram em gritos histéricos. Os passos rápidos também começaram a ecoar e a chegar ao ouvido de Gabriel, ainda parado.

Conseguiu começar a andar para trás quando o esqueleto já surgira por completo, em seu túmulo agora só havia um grande buraco negro e vazio. Gabriel andava lentamente, seus olhos estavam arregalados e seu campo de visão mais amplo, viu que dos outros lados vinham mais desses mortos, mas não eram todos esqueletos, e sim corpos de pele em decomposição.

O esqueleto, corpo de Joseph Müller, agarrou-o e o jogou ao chão, tinha uma força inacreditável. Antes que ele pudesse fazer algo, um homem alto e com apenas metade do rosto o jogou para o lado, suas mãos entraram como espátulas no estômago de Gabriel, puxou seus órgãos e pôs na boca, era possível vê-los sendo mastigados por conta do vão de pele em um lado do rosto.

O esqueleto enfiou seus dedos dentro do corpo do garoto, tirou sangue e vísceras e começou a esfregá-los no rosto sujo de terra. O braço foi mordido e arrancado em pedaços por mais dois cadáveres. O que sobrara de Gabriel era ossos e carne dispensável, tinha a aparência de um garoto atacado por uma alcateia de leões famintos, com a pele

destruída e o rosto deformado.

2

Igor Linhares escrevera suas primeiras e últimas aulas de química cinco anos atrás. Era um professor do ensino médio e dava aula apenas para o terceiro ano, pois ainda havia um segundo que pegara todas as outras turmas. Para Igor, era uma benção.

Dez da noite e toda a turma noturna estava em seus computadores digitando o próximo trabalho para entregar. Aquela e a próxima aula seriam exclusivas para aquilo, o que lhe dava muito tempo livre. Estava sentado à frente da turma, na sua cadeira de professor e com as pernas esticadas sobre a mesa, mexia no celular.

Tinha trinta e quatro anos, apenas uma década atrás descobrira o quão fácil dar aula poderia ser e investira nesse negócio. Daquela turma de alunos, a mais inteligente era Bianca, uma garota de uns dezoito anos que era muito bonita, e geralmente ele precisava alertar alunos de que estavam sendo óbvios demais ao observar a retaguarda da moça.

Ele próprio era um mestre no assunto. Claro, naquela aula usava óculos escuros e podia observar o que quisesse. Quanto a inteligência da moça, aquilo era importante porque o

fazia ter a impressão de que no próximo ano apresentaria à turma uma aula preparada por ela.

Era assim que fazia durante meia década, deu sua primeira aula com trabalhos originais, no ano seguinte apenas utilizara aqueles que os alunos mais brilhantes escreviam. Não era um trabalho que pagava muito bem, a escola era pública, mas, se não pagavam bem, não deviam estarem a espera de competência profissional, não é? Então não era um crime utilizar aquele método.

Precisou chamar a atenção de um dos alunos, ele olhava para a garota Bianca, e ele bem entendia a razão. Usava um shorts curtíssimo que fazia todos virarem o pescoço como se estivessem possuídos, o cabelo era liso e castanho, usava batom vermelho.

Lançava-lhe olhares ocasionalmente, mas ele não os dava muita importância.

A bateria do celular havia acabado há dez minutos, via-se encarando uma tela escura e passou a observar as alunas. Nunca havia se visto como professor, mas agora que via como ficava a juventude do país, acreditava que nunca se aposentaria.

Isto, é claro, crendo que não fosse preso por conta dos trabalhos roubados ou porque transou com alguma aluna.

Claro, ele sempre escolhia as de maior, mas talvez houvesse algum Código do Professor ou merda parecida, algo como “não deverás penetrar vossas pupilas sob quaisquer circunstâncias”. Havia código para absolutamente tudo hoje em dia, e alguns que eram códigos e regras disfarçados de algo que chamavam de *etiqueta*.

O trabalho que os alunos faziam era sobre nomenclatura, algo que ele mesmo não entendia por completo. Aproveitava o tempo livre para pensar em qual seria a desculpa para o próximo trabalho. Raramente planejava suas aulas, apenas chegava e as dava a partir de tudo o que sabia de memória e o que lia na hora.

Levantou-se e foi ao banheiro, o corredor era longo e já estava habitado de todo o tipo de criança-problema, Igor aprendera a reconhecê-las de longe. Sabia quais os alunos lhe dariam trabalho antes mesmo de eles entrarem para o primeiro ano.

Quem estava parada ao lado do bebedouro era Letícia, mulher com a qual dividia o apartamento. Era outra professora, de Artes ou Música, ou talvez os dois, eles não eram muito de conversar sobre o trabalho. Mulher bonita ela era, e ele já tentara algo, mas não se demonstrara interessada, ou então era lesada demais para ao menos perceber as cantadas que ele dava

no início dos dias em que moravam juntos. Agora, após dois anos num apartamento junto de Camila, professora de História, já não tinha interesse em nenhuma delas.

Eram mais amigas do que qualquer coisa, sim, mas também após ter o privilégio de conviver com duas mulheres que todo mês enlouqueciam sem aviso, o apetite sexual diminui. Por isso preferia as estranhas pela falta de conhecimento sobre elas e as alunas por conta da beleza e da idade.

– Tem um isqueiro? – perguntou Letícia – Deixei o meu em casa.

Igor puxou um do bolso e o jogou para ela.

– E eu não tenho mais cigarros, tem algum sobrando?

Ela puxou um do bolso e o jogou para ele.

Eles sentaram no degrau superior da escada e fumavam juntos, ao lado deles havia uma janela para que o cheiro não ficasse no prédio. Era questão de *etiqueta*, Igor sabia, mas não conseguia se livrar daquele costume.

Ela tossiu. A bebida misturada com a quantidade de cigarros que fumava por dia, seu organismo já implorava por um suicídio.

– O que eles estão fazendo?

– Um trabalho que passei aula passada, e os seus?

– Uma prova.

– E você deixou a sala?

– Não é como se algum deles fosse acertar algo. O único garoto que se interessa não veio hoje, vai fazer a prova amanhã... enfim, todos os outros acham que é uma matéria inútil. Adoro quando pensam isso, sempre ficam surpresos quando reprovam por causa de Artes.

– Você vai com Camila pra casa?

– Ela não veio hoje, por quê? Se vai levar uma garota pra lá, eu posso ir andando, não é tão longe assim.

– Não vou fazer nada, era só uma pergunta. Que horas você sai?

– Acabo no terceiro período, e você?

– No quarto. Se me esperar eu te levo.

– Pode ser, tenho que dar uma olhada em alguns arquivos pra próxima aula mesmo... passa na minha sala antes de ir?

Ele concordou e jogou o cigarro pela janela. Letícia continuou ali, e Igor desconfiava que não sairia até que chegasse ao completo fim do seu tabaco. Pela janela era possível ver uma comoção ocorrendo no pátio da escola. Foi Letícia quem apontou o fato para Igor e então tomou a iniciativa de descer. Ele, por curiosidade, foi de atrás.

Era no pátio em que todos estavam, a recepcionista tentava acalmar os jovens. Todos vestiam pijamas e gritavam ao mesmo tempo. A maioria dos alunos Igor reconhecia vagamente, achava que lecionara para alguns no ano anterior, Letícia confirmou sua teoria ao dizer-lhe que dera aula para pelo menos cinco.

Deviam ser calouros da Uniselo, ela disse, e estavam apenas assustados com o maldito trote.

Igor relaxou, antes um trote idiota do que um maníaco homicida que persegue estudantes nas ruas. Eles já começavam a se acalmar.

– Agora falem direito e com calma, o que foi que aconteceu? – elevou sua voz para que todos o ouvissem.

– Foi apenas o trote – disse uma garota que não conhecia. – Ficamos assustados por um segundo, mas agora passou... malditos!

– Tudo bem, agora entrem e lavem o rosto vocês que caíram na terra, sabe-se lá como...

Letícia, antes que ele pudesse entrar de volta no prédio da escola, deu-lhe um tapa nas costas para chamar a atenção. Ele olhou para onde ela apontava e do longe vinha outro grupo, dez ou quinze pessoas, corriam e gritavam mais alto do que os do trote. Vestiam roupas comuns, deviam ser os veteranos.

Alguns deles, Igor viu quando chegaram, choravam. O desespero do grupo causou curiosidade em calouros e professores igualmente. Letícia abraçava uma garota que chorava incansavelmente, prestes a ter um colapso, saía sangue de seu nariz.

– O que caralhos aconteceu? – perguntou agitado.

Aqueles que eram seus antigos alunos, a maioria, respondeu prontamente. Na mistura das vozes, porém, nada foi ouvido. Ele falou com um garoto que conhecia melhor.

– Isaías, fale você o que aconteceu.

Sua voz travara na garganta, estava visivelmente sofrendo para emitir um som qualquer.

– Cadáveres – disse ele após certo tempo.

A princípio, Igor esboçou um sorriso, mas após rever o rosto histérico de todos os alunos e o sangue que caía na roupa de alguns, reconsiderou o sorriso e mostrou sua cara de preocupação.

– Do que estão falando? – perguntou a outro, visto que Isaías já não lhe seria útil. Quem falou foi Diogo.

– A princípio a gente estava rindo, mas então vimos algumas pessoas andando na nossa direção e apenas então percebemos que eram... mortos. Eles pegaram a Joana.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Letícia, mais

professores e funcionários se juntavam ao grupo.

O garoto engoliu sofredamente.

– Mataram ela. Foi horrível, tinha sangue pra todo lado, e tripas, e mortos... eu acho que tô ficando maluco – ele agarrou a própria cabeça com força.

– Entrem dentro do prédio – disse Letícia. – Fiquem lá até que tudo seja resolvido.

Os alunos entraram, acompanhados por alguns funcionários. Letícia aproximou-se de Igor com seu olhar cético.

– O que acha?

– Talvez eles estejam tentando assustar a gente.

– Você não viu o sangue? Teve um garoto que vomitou, isso é performance digna de Oscar se for apenas uma brincadeira. Eu vou ligar pro delegado e pedir pra ele ir ao cemitério com alguns policiais, mesmo que não sejam... cadáveres – disse como se fosse um palavrão –, talvez seja um grupo de malucos. Pode entrar lá dentro e perguntar onde está o Gabriel? Minha irmã vai enlouquecer quando ficar sabendo.

Ela tirou o celular do bolso e já começou a discar o número pessoal do delegado, que basicamente todo morador de respeito possuía. Igor não tinha o número do delegado.

Antes de entrar no prédio, olhou para o breu ao longe,

onde estava muito mais a frente o cemitério. Entrou no prédio administrativo da escola e procurou por Isaías e Fabrício, os dois melhores amigos de Gabriel.

3

A professora pedira-lhe para que investigasse o cemitério, lugar de onde os estudantes saíram correndo. Pensar que era outro trote saindo errado seria enganar-se, bom se fosse. Da última vez apenas precisou deixar três alunos numa cela por um dia e tudo estava resolvido.

Não, não era um trote. A mulher dissera que podia ser um grupo de malucos espreitando pelo parque. Podia ser uma gangue ou semelhante – Deus bem sabia que havia traficantes na periferia que nunca conseguiram pegar. Agora, era bem possível que tivessem resolvido se divertir pelo miolo da cidade.

Ainda estava um tanto abalado pela morte de Laura, mas recusara-se a tirar dias de folga. Fizera a cremação e tudo o mais, depois voltou para o trabalho. Nunca tiveram filhos, então não haviam choros estarecidos à noite, ele apenas se sentia só.

Os policiais estavam se armando com pistolas, ele resolveu levar todos os que estavam disponíveis. Vinte homens

ao todo. Era uma cidade grande e o resto fazia patrulha ou foram dispensados pelo dia. Se a situação se confirmasse por ser a pior de todas, poderia chamar o resto.

– Espingardas também – disse sem nem perceber, firmava a arma da sorte no coldre.

Seus homens o obedeceram. Preparavam-se para o pior, ele percebeu, pois já tinham em mente o antigo conflito na periferia. Não havia sido grave, já houvera piores, mas ter de avisar cinco famílias que um dos membros havia morrido não era tarefa fácil. E o pior de tudo era ter de dizer que foi para nada, afinal, os traficantes ainda estavam livres, e agora dispersos pela cidade.

Ele vestiu o colete e ajustou a barra da calça na bota que vestia. Se fossem os malditos drogados, não queria ser atrasado nem mesmo por um terremoto. Correria melhor assim.

– Gilberto, onde está Amanda?

– Foi pegar sua arma – o policial respondeu e apontou para o corredor de onde a mulher já voltava.

– Muito bem, creio que já estejamos todos prontos. Já sabem como fazer, vão! – ordenou aos homens e mulheres, foi o último a sair.

Estava numa viatura junto de Amanda, era ela quem dirigia e liderava todo o comboio. Todos com suas sirenes

ligadas, aquilo parecia mais o desfile de um circo. E em grandes cidades, geralmente era nisso o que a polícia se tornava.

Já era costume as pessoas correrem para as janelas assim que percebiam mais de uma viatura com as sirenes ligadas. Não havia nada senão o desfile dos carros para se visto, mas aquilo certamente devia levantar certa curiosidade.

Eram dez carros correndo pela rua e causando certo tumulto nos domicílios. Professores exageram, talvez fosse apenas uma exageração da professora Letícia, que mal conhecia, mas sabe-se lá como conseguiu seu número. Talvez a tivesse dado para casos de emergência. Esperava que era isso o que aquilo era, uma grande e feia emergência.

Certamente não era aquilo que ela lhe dissera, não podia ser. Ele havia perguntado, mas a informação entrou por um ouvido e saiu pelo outro. É professora, já devia estar acostumada com isso.

– Meu Deus – disse Amanda, eles viraram a esquina e o cemitério foi iluminado pelos faróis e sirenes.

Ele concordou com um som impossível de se entender. Um bando de seres fictícios estava ao longe, espreitando no cemitério. Andavam com lerdeza e as expressões nos rostos daqueles que o tinham era de completa ausência de vida.

Eram cadáveres andantes, sem mais, nem menos.

– Pare o carro – disse ele e Amanda o obedeceu, os outros carros se juntaram e fizeram uma barreira.

Os policiais já haviam saído antes dele, estavam parados com as armas nas mãos, espingardas, pois perceberam que revólveres não serviriam de muita coisa. O que poderiam fazer? Matar um cadáver? A primeira coisa que brotara na cabeça de Padilha era algo que ele tentava bloquear, mas décadas de filmes o impediam. Atire-lhes na cabeça, é claro.

– Senhor... o que fazemos? – perguntou um dos policiais, nenhum deles parecia com medo, apenas com dúvidas.

A frase queimava na língua.

– Atire para matar.

Primeiro Padilha pegou o revólver do coldre, atiraria com ele antes de passar para a arma maior. Permaneceu ao lado do carro, agachado atrás da porta aberta e observava os cadáveres pelo vidro. Havia montado barreira muito perto do cemitério, assim os mortos não passariam para o outro lado da cidade. Isto é, se não saíssem pelo outro lado do próprio cemitério também.

Ninguém atirou por um tempo, esperavam que eles tentassem alguma coisa.

Estupidez, talvez, mas talvez fossem apenas pessoas com máscaras. Ele desconsiderou a possibilidade no momento em que viu o cadáver sem metade do rosto. Foi o primeiro a atirar, três vezes contra a cabeça de um que estava quase inteiro.

O sujeito parou e o encarou como uma expressão de palerma. Tornou-se agressivo, mas não sucumbira ao tiro na cabeça. Claro que não, o desgraçado já estava morto, planejava o que, atirar-lhe no cérebro? Eles não tinham nem mesmo a merda do *coração* batendo, em alguns era possível ver isso claramente pelo vão no peito.

Se lá estivesse o músculo, bombeando o sangue, como era suposto de fazer, pelo menos isso significava que o cérebro estaria em funcionamento, mas... nada.

Malditos filmes.

O cadáver avançou com ferocidade assim que recebeu as balas, Padilha ficou parado e sem saber o que fazer. Viu então Gilberto enfiar-lhe na boca o cano da espingarda e atirar, o barulho e os miolos voaram, mas o morto se limitou a estapear o policial com mãos. Ele foi arranhado e se afastou, três homens encheram o morto de balas de uma só vez.

O vagabundo continuava tão vivo quanto possível, e tão puto que poderia matar o batalhão inteiro se quisesse. A

surpresa foi o morador comum, que avançou por entre os policiais e começou a esmagar um dos cadáveres com uma grande pá.

O sangue saltou, era um cadáver quase novo, mas não morria. O civil levantou a pá e, como uma foice, baixou-lhe com a parte fina na carne do defunto. A mão separada do resto do corpo, e os dedos se moviam.

– Recuar! – gritou Padilha com todas as suas forças, os policiais e o civil o obedeceram, agora mijando nas calças de tanto medo que sentiam. Sabia que pelo menos *ele* entrava em desespero. – Se não há como matar os filhos da puta, então vamos pelo menos os impedir de passar para a cidade.

5

Letícia acalmava a irmã e Igor não tinha ideia do que fazer. Não apenas não era muito bom com essas coisas como também a irmã nunca fora sua maior fã, assim como o delegado e o outro professor de química.

Ele estava parado junto a porta e as observava. Letícia levava a notícia surpreendentemente bem, mas a irmã, quando a recebeu assim que chegou, não conseguiu ficar calma. Culpou todos que podia.

Já não era apenas uma coisinha que podia ser mentira,

os cadáveres ser vistos pelo vidro da escola. Eles andavam pela rua, mas nenhum olhara para o prédio, Igor mandou desligarem todas as luzes, talvez isso fosse lhes ganhar um certo tempo até serem achados. Mas não havia como saber a maneira que aquelas coisas reagiriam. Não eram nem mesmo humanas, pelo amor de Deus.

Igor pediu para que todos fossem para uma área bem protegida daquele prédio, pois assim não seriam vistos. Letícia reclamou, e muito, quando ele disse que ficaria junto a porta para vigiar aquelas coisas, mas por fim ele a convenceu de ir e ficar junto da irmã, que era quem mais precisava de ajuda.

Alguns dos policiais se aproximavam da escola, como ele pedira. O delegado foi o primeiro a entrar e dar-lhe um olhar torto. Mesmo naquele tempo maluco, o sentimento de repulsa ainda estava em sua mente.

E o professor sinceramente não sabia o que fizera de errado. O professor de química, tudo bem, era apenas porque ele não era assim tão competente, mas o delegado e a irmã... Talvez o delegado tenha sido por conta das muitas vezes que já pararam o carro de Igor para vê-lo com uma mulher muito mais jovem. Uma vez foi o próprio delegado quem o parou e fez questão de interrogar a jovem, perguntou-a se estava lá por vontade própria, como ele ouviu.

O homem tinha tradições conservadoras, talvez apenas detestasse que Igor andasse por aí com essas mulheres, ou então apenas o odiava do fundo do coração. Não importava naquela hora.

– Você precisa deixar alguns policiais aqui, para o caso deles nos encontrarem.

– Eu não obedeco às suas ordens, Linhares – disse o homem.

– Mas que merda, não estou dando uma ordem, estou pedindo. Não quer, não deixe, mas depois não me culpe se todos aqui morrerem, e eu bem sei que você gostaria de me culpar.

– Você é uma das piores drogas que São Lorenzo possui, espero que saiba disso, e nem mesmo desconsidero a possibilidade de que tudo isso foi você quem fez, talvez ache isso engraçado.

– Estupidamente engraçado, com certeza. Adorei... – olhou para trás e baixou a voz. – Adorei saber que o filho da irmã da minha melhor amiga morreu, *adorei!*

– Eu vou deixar alguns policiais aqui, sim, mas é impossível matar esses cadáveres.

– Sempre há uma solução.

– Não há, nem mesmo um tiro na cabeça os mata.

– E por que haveria de os matar? O cérebro já deve estar podre mesmo, não tem mais utilidade para nada, não comanda porra nenhuma, isso é alguma merda satânica. Enfim, não importa...

Padilha pareceu desconcertado, certamente não gostaria que o professor incompetente tivesse chegado a essa conclusão tão rápido.

– Então qual a sua merda de ajuda? Porque até agora o que fez foi ficar muito bem protegido dentro dessa escola, por que não está na rua matando esses cadáveres?

– Não disse que não podem ser mortos? Pois eu... Ah, apenas deixe alguns dos seus homens aqui, eu vou ver se acho uma solução!

– Peça para Armando, *ele* vai saber o que fazer.

– O professor Armando vai saber reclamar por duas horas e depois passar mais quatro falando que não me quer perto dele, é *isso* o que ele sabe fazer de melhor.

– Pois fale com ele mesmo assim, certamente vai ser de maior ajuda que você – disse-lhe e deixou alguns policiais dentro da escola antes de sair, nenhum deles olhou para Igor, apenas foram para onde a multidão se escondia.

– Levem-nos para o auditório – disse entre os dentes para os homens de Padilha.

Eles não protestaram, mas também não concordaram. Depois, quando viu, eles fizeram o que pedira, mas talvez não por gosto. Deus, será que todos os policiais da cidade o odiavam porque o chefe o odiava? Não era improvável, as ovelhas menores simplesmente copiam o que a maior faz.

Igor desceu até o laboratório de química, procuraria qualquer coisa que pudesse ajudar. Os andantes não eram mortos facilmente, mas isso não significava que era impossível. Teria uma maneira de matá-los, mas ninguém ainda sabia qual.

O laboratório ficava no outro prédio, os dois eram ligados por um corredor fechado que seria seguro para passar. Ainda assim, ele preferiu correr.

Era um prédio com laboratórios de informática, dois desses, e um laboratório de química, biologia e física. Cada uma dessas possuía sua partezinha lá dentro, mas química era a que mais dominava. Igor fora lá apenas uma vez.

– Você não pode entrar aqui! – Armando o empurrou de volta para fora.

– Como não?

– Você nunca usa o laboratório e agora está com tanta vontade, o que quer? Por acaso vai roubar algo?

– Roubar algo? – gritou Igor. – Você *realmente* não sabe o que está acontecendo?

– Passa daqui, Igor, você não é bem-vindo no meu laboratório.

– O laboratório não é... – cansou-se daquilo, agarrou Armando pelo jaleco branco e o puxou até a janela mais próxima. – Vê aquilo?

– O que...?

– São mortos andando, é isso o que são. Agora pare com essa birrinha e me deixe trabalhar.

Ele correu para o laboratório, Armando ainda estava em frente a janela e observava a rua com atenção e surpresa.

Havia dentro do local duas grandes e longas mesas de metal, ele começou a procurar por qualquer coisa. Não tinha ideia do que fazer, mas não queria ficar parado. Ele tentava se lembrar das coisas que aprendera certo tempo antes de começar a dar aulas, mas tudo estava enevoado em sua mente.

Encarou um frasco pequeno de ácido muriático.

Se não morrem com tiros, talvez o ácido possa acabar com eles. O puro seria mais eficaz, mas para conseguir esse...

– Não há uma empresa de produção aqui? – perguntou para Armando assim que este chegou no laboratório.

– Há uma mais para a periferia, mas o que você quer?

– Ácido clorídrico, creio que isso possa matá-los... – queria saber a opinião de Armando, afinal, era o professor

estudado e competente.

– Não vai matá-los, vai transformá-los... em gosma.

Era perto o suficiente da resposta que Igor esperava.

– É preferível um monte de gosma saltitante do que cadáveres andando pelas ruas, não acha?

– Sim, claro que é, mas onde planeja colocar o ácido e, afinal de contas, qual o plano, exatamente?

– Mergulhar os filhos da puta de cara, é claro. Eu ainda não tenho certeza... o vinil comportaria o ácido puro, não?

– Tecnicamente, sim... – começou a falar, com uma certa expressão cética no rosto.

– Ótimo, pois sei quem pode nos ajudar.

– Quem?

– Meu tio – disse Igor, com um sorriso irônico no rosto.

Armando entendeu o plano e voltou com sua expressão cética, mas também puxou de uma gaveta uma folha com alguns números úteis e discou o da empresa que queriam no seu telefone. Igor esperou.

Aquela noite havia começado mal, muito mal. Não era nem nove horas quando o pai de Yasmin chegou em casa. O velho sempre aparecia por volta da meia-noite – ela já imaginava que

se divertia um pouco no fim do expediente –, e por conta da reviravolta desmarcou com o namorado.

Érico nem falara com ela direito, apenas a deu um oi e andou até seu escritório, disse que ainda tinha trabalhos a terminar. Sempre tinha trabalhos a terminar, mas não importava. Pelo menos naquele dia ela ficaria feliz pela ausência do pai, mas ele sempre arranjava uma maneira de deixar sua vida pior.

Estava deitada no quarto, eram dez horas. Havia completado tudo o que deveria fazer horas atrás, para não precisar ser atrapalhada por um pensamento solto. Escondeu as camisinhas debaixo do colchão e passou a encarar o teto com firmeza.

Quando deu por si, algo ocorria na rua. Ela desceu as escadas e saiu pela porta dos fundos, passou ao redor da piscina vazia e esticou o pescoço para ver através da cerca de madeira. Não viu nada, apenas ouviu os gritos e sentiu um medo percorrer-lhe o corpo. Entrou de volta para a casa e trancou a porta, checkou no pai e ele ainda estava em seu escritório, olhando para papéis.

A casa podeira pegar fogo e ele só perceberia quando os bombeiros o jogassem água, *talvez*. Devia ser grata por todo aquele trabalho duro, pois se não fosse por ele não estaria com

uma vida tão boa, não já teria um futuro pronto na Uniselo e certamente não morariam numa casa tão grande e aconchegante. Ela já tinha tudo isso na cabeça, mas não significava que a ausência do velho fosse algo bom.

Às vezes, quando tinha *planos*, ela era, mas quando se sentia só ele estava sempre na prefeitura, saía cedo e voltava tarde. Aquilo era a mesma coisa que morar sozinha, e por vezes se esquecia de que tinha um pai, acordava uma hora depois de ele sair e dormia uma hora antes de voltar. Quem mais via na casa era a empregada, e esta só aparecia lá duas ou três vezes por semana.

A locomoção nas ruas, por fim, atraiu a atenção do pai, que recebeu uma ligação uma hora depois, ela ouviu mesmo do segundo andar da casa. Ele trancou todas as portas e janelas que havia aberto quando chegou e subiu até o quarto de Yasmin assim que desligou o telefone.

– Fique no seu quarto, feche as cortinas e tranque a porta! – ele disse e saiu em seguida.

Esperou até ouvir o fim do ranger das escadas e então abriu a porta, desceu lentamente e procurou pelo seu pai.

Era seu primo quem via, espreitava pela janela e o pai ia a seu encontro. Igor vinha acompanhado de três policiais muito atentos a cada sombra, não empunhavam arma alguma.

– O que é isto, Igor? – perguntou o pai.

– Tio Érico – ele disse –, vou precisar de algo emprestado – sorriu da maneira que só ele sabe fazer.

Ela aguardou até que o pai saísse de perto e fosse tratar de alguns assuntos no telefone, a pedido do primo, para sair e correr até o primo. Quando a viu, ele abriu os braços e foi a seu encontro, não se falavam havia semanas.

– Como é bom ver você, pequena! – disse. – Uma pena que seja em circunstâncias tão... desastrosas.

– A que se refere? – perguntou em tom preocupado.

Ele não respondeu por conta do grande som que se seguiu. Caminhões, três longos caminhões com tanques gordos em suas costas, eles se aproximavam da casa. Igor a puxou para o lado e fez um gesto para que os motoristas entrassem pela lateral, eles obedeceram.

E os caminhões entraram no pátio da casa, estragando a grama e o jardim de tal modo que faria sua mãe enlouquecer, se ainda se importasse com ele ou morasse ali. No entrar do segundo caminhão, pôde ser visto todas as viaturas que os acompanhavam, parecia ser mais de meia centena, e de dentro de cada saía dois ou quatro policiais.

– Você não os ouviu? – ele perguntou, Yasmin já havia se esquecido de sua pergunta.

– Ouvi algo, mas não vi nada. O que é isso tudo?

– Tanques com ácido – ele respondeu. – E viaturas com policiais, claro.

O delegado, que ela mal conhecia, saiu de um dos carros e correu para a frente do grupo todo, juntando-se a Igor e a ela. Suava tanto que tinha os cabelos grudados no rosto, ofegava de tal modo que não a surpreenderia se caísse morto ali mesmo. Não vestia o uniforme policial, na verdade, muitos dos homens não vestiam.

– Eu chamei todos – disse o delegado.

– Até os de folga? – ele perguntou.

– Sim, esses também. É bom que tenha certeza de que isto dará certo.

– Por quê? Você possui um plano melhor? Antes morrer ao falhar do que morrer por ficar parado.

– E vai falhar? – perguntou, não parecia tentar começar uma briga.

– Acho que não, mas não posso ter certeza. Só espero que dê certo.

– Peguei também uma porrada de escudos balísticos, acho que os anti-tumulto não vão ser o suficiente para aquelas pragas.

Os policiais tiravam de seus carros grandes escudos

pretos e os prendiam nos braços. Igor concordou ao vê-los.

– Bom. Vai ser melhor assim, vai impedir que tentem sair da piscina.

– Vamos lá, então, temos uns monstros para capturar – gritou para o esquadrão. – Quanto tempo até que tudo esteja pronto? – perguntou para Igor.

– Dez minutos, talvez, a piscina é grande mas não deve demorar muito para enchê-la. Não vai nos denunciar por não seguirmos os protocolos para o manuseamento do ácido, não é?

O delegado sorriu.

– Apenas certifique-se de que ninguém vai morrer por causa disso.

– Só os mortos, prometo.

Deram-se as mãos e o delegado foi junto dos seus homens até as entranhas da noite, pegara um escudo em seu carro também. Continuavam a não empunhar armas, mas possuíam seus cassetetes na mão livre. Igor os observou por um tempo e então partiu para os fundos da casa, Yasmin o seguiu.

– Os mortos? – perguntou.

– Eles se levantaram, Yasmin, não sei a razão ou se outros virão, mas temos de lidar com esses cadáveres antes que haja mais mortes.

– Quantos já morreram? – não havia tempo para ceticismo.

– Alguns, não tenho certeza, mas não mais. Olhe, eles já estão quase prontos.

Dos tanques saíam mangueiras que caíram para a profunda piscina de vinil, ela passara da metade e continuava a encher com rapidez. Todo o pátio deixara de existir, fora infestado de caminhões-tanque cilíndricos e de aço. Alguns dos homens derrubavam a cerca de madeira e então recolhiam as tábuas para levar a um local mais ao longe. Tudo funcionava com grande sincronia.

O pai apareceu logo depois, pôs o braço em torno de Yasmin e observou o encher da piscina com ela.

– Tudo pronto – disse para o sobrinho. – Pelo menos assim ele vai saber o que aconteceu com seus caminhões, era capaz de pensar que tivessem sido roubados. Por que não ligou para ele direto antes de fazer uma loucura dessas?

– Não tive tempo para burocracias, tio, isso só atrasa as coisas. Liguei para lá e pedi pelos caminhões, então deixei para que o delegado confirmasse o pedido, assim não fizeram nenhuma pergunta.

– Será que algo disso já vazou para a imprensa?

Yasmin puxou o celular e pesquisou pela cidade. Não

apareceu nada além da sua página na Wikipédia. Mostrou para o primo, que não demorou para perceber.

– Parece que não. Temos sorte. Só Deus sabe o que aconteceria com os repórteres. Entrem, vocês dois, é mais seguro.

– Sorte esquisita – disse ela.

O pai a puxou, ela então correu para o quarto e observou da varanda. O velho continuava na cozinha e via pelo vidro. Não demorou mais de dois minutos para que o tanque estivesse cheio até a borda, então os caminhões partiram do pátio e junto deles foram os homens que desmancharam a cerca que rodeava a casa.

Igor deu alguns passos para trás, logo Yasmin percebeu o porquê.

7

Do longe vinha a multidão de policia, mas não estavam sozinhos. Os cadáveres os acompanhavam e batiam e tentavam rasgar os escudos que usavam para empurrá-los. Os homens andava numa linha contínua e não havia brechas por onde os mortos pudessem escapar.

Quando entraram no pátio da casa do prefeito, começaram a tomar uma nova forma, pondo-se dos dois lados

por onde os mortos não podiam fugir. Eles caíram na água ardente sem nem notar, pois brigavam com os homens. Os gritos dos primeiros a cair alertaram os outros, e estes tornaram-se ainda mais agressivos.

Um dos policiais teve seu escudo rasgado ao meio pela força bruta do cadáver, outro homem assumiu sua posição no mesmo instante, impedindo o morto de escapar. Não havia brechas, não *podia* haver brechas. O delegado estava junto deles, Igor percebeu. Quando pensou não aguentar mais ficar lá e sentir o cheiro horrível, bateu no vidro da casa do tio e ele abriu a porta por meio segundo, o suficiente para que passasse para dentro.

Depois que todos eles caíram na piscina, os homens a circularam, sempre mantendo ao alto seus escudos negros e resistentes. Não havia por onde os cadáveres pudessem sair, ficavam fracos demais para escalar e, mesmo que conseguissem, receberiam um empurrão e voltariam para o ácido.

– Desculpe pela piscina – disse para o tio, ele não respondeu, tinha seus olhos fixos nas costas dos homens de preto, aterrorizado.

Para circular todo o tanque, era necessário apenas trinta homens. Os outros entraram na casa e comeram uma comida

preparada pelo prefeito. Estavam no aguardo do seu turno para circular a piscina, Igor estimava que demoraria ainda várias horas até que o último tivesse sido destruído.

Assim que não aguentou mais olhar, subiu até o quarto da prima. Tinha certeza de que ela observava, de um modo ou de outro. Deus, poderia muito bem estar acompanhando o vídeo pela internet.

– Não devia ver isso – disse para ela ao se juntar na sacada, escorou-se na barreira.

– Vai contar pro meu pai? – ela perguntou sem tirar o olho da piscina de água escura.

– Deus, não, ele tem muito mais coisas para se preocupar. Creio que ficará sem ele por perto por algum tempo.

– Normal, é sempre assim. Pelo menos antes eu ainda tinha a mãe.

Ele suspirou.

– Você ainda a tem, só precisa concordar em ir para a casa dela nos fins de semana.

– Se eu tivesse concordado, já teria pego o ônibus e estaria a caminho de lá. Não gostaria de perder isso, e, de qualquer maneira, ela não se importa.

Ele queria dizer que era mentira, mas conhecia sua tia.

– Você falava... – continuou – eles vão voltar? Talvez

não esses, mas os outros. Nós temos um cemitério bem grande, sabe...

– Se voltarem, estaremos preparados. E caso realmente voltem, podemos simplesmente começar a cremar os mortos, isso acabará com eles.

Ela sorriu.

Ele temia que aquilo pudesse nunca acabar.

Tudo o que restou na piscina era gosma e rachaduras no vinil. Ninguém voltou, ninguém mais falou sobre o assunto.